

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Gonçalo André de Matos Ferreira

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO
DESENVOLVIDO NA ESCOLA BÁSICA 2, 3
MARTIM DE FREITAS, JUNTO DA TURMA DO
7ºF, NO ANO LETIVO 2019/2020**

**Relatório de Estágio Pedagógico do Mestrado em Ensino de Educação Física nos
Ensinos Básico e Secundário orientado pelo Professor Artur Romão,
apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da
Universidade de Coimbra**

Julho de 2020

GONÇALO ANDRÉ DE MATOS FERREIRA

Nº2018252860

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
BÁSICA 2, 3 MARTIM DE FREITAS NO ANO LETIVO DE 2019/2020**

Relatório de Estágio Pedagógico do Mestrado apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Orientador: Prof. Artur Romão

COIMBRA

2020

Ferreira, G. (2020). Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola Básica 2, 3 Martim de Freitas no ano letivo 2019/2020. Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Gonçalo André de Matos Ferreira, aluno nº 2018252860 do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, vem declarar por sua honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da sua autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no artigo nº 28, da secção V, do Regulamento Pedagógico da Universidade de Coimbra de 23 de agosto de 2013.

Coimbra, 1 de julho de 2020
Gonçalo André de Matos Ferreira

AGRADECIMENTOS

Terminada mais uma caminhada, é também o momento de agradecer a todos os que fizeram parte dela e que contribuíram para que fosse possível completá-la.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, porque sem eles nada seria possível, agradeço todo o esforço que fizeram para me proporcionar toda a formação acadêmica. Obrigada por terem acreditado em mim e por me darem a oportunidade de realizar um sonho de infância.

À Marisa, por toda a paciência e por todas as palavras de conforto ao longo destes meses.

Aos meus colegas de Estágio, Leonardo Coelho e Tiago Viegas, pelo espírito de entreatajuda e união que se fez notar ao longo de todo o Estágio.

À Professora Cooperante, Diana Melo, por todo o conhecimento transmitido todos os dias, que nos fez crescer ao longo destes meses, por acreditar e me fazer acreditar que conseguimos chegar sempre onde queremos, desenvolvendo assim um núcleo unido e próximo.

Ao Prof. Artur Romão por toda a disponibilidade para o esclarecimento de dúvidas e por todos os conselhos e partilha de conhecimentos e experiências.

A todos os professores, principalmente do grupo disciplinar de Educação Física e a todos os funcionários da EBMF, por todo o carinho e disponibilidade demonstrada.

À minha turma, do 7ºF, que me acompanhou nesta caminhada, sem eles não seria possível concretizá-la. Obrigada pela oportunidade de errar e de brilhar, pois foi em todos os momentos que cresci e desenvolvi aprendizagens, que levo comigo. Obrigada por terem sido os meus primeiros alunos!

Por fim, obrigada a todos os familiares e amigos que de algum modo participaram e foram importantes nesta caminhada.

“Todos os que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.” Um muito obrigado a todos!

RESUMO

No âmbito do segundo ano do Mestrado em Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, é esperada a realização de um Estágio Pedagógico, durante um ano letivo. Este é caracterizado pela aplicação dos conhecimentos adquiridos relativos à intervenção pedagógica, ao longo dos quatro anos de formação académica, através duma prática docente em contexto real.

Assim, e de modo a relatar e a refletir sobre toda a experiência e aprendizagem vivenciada ao longo de todo o Estágio Pedagógico, desenvolvido na Escola Básica 2, 3 Martim de Freitas, no ano letivo de 2019/2020 junto da turma do 7ºF, na disciplina de Educação Física, surge o presente relatório, pertencente à Unidade Curricular de Relatório de Estágio.

O supracitado documento foi dividido em três capítulos, sendo que no Capítulo I teremos a Contextualização da Prática, onde constarão as expectativas iniciais, e uma breve caracterização da escola, do grupo disciplinar, do núcleo e da turma, respetivamente. Já o Capítulo II, que estará subdividido em três áreas, será reservado à Análise Reflexiva da Prática Pedagógica, ou seja, todo o trabalho elaborado, durante o Estágio Pedagógico. Na área 1 teremos o processo de planeamento, de realização e de avaliação, não deslembrando a atitude ética-profissional, a justificação das opções tomadas e ainda as questões dilemáticas. Na área 2 apresentaremos as atividades de organização e gestão escolar e na área 3 poderemos encontrar os projetos e parcerias educativas.

Por fim o último capítulo, Capítulo III, será dedicado ao aprofundamento do tema problema, intitulado de “Perceções sobre a intervenção pedagógica de diferentes atores no mesmo contexto de ensino-aprendizagem”, onde constará toda a revisão sistemática de literatura.

Palavras-chave: Estágio Pedagógico. Relatório de Estágio. Educação Física. Reflexão. Intervenção Pedagógica.

ABSTRACT

In the second year of the Master's degree in Teaching of Physical Education in Basic and Secondary School in the Faculty of Sports Sciences and Physical Education of the University of Coimbra, it is required a teacher training during the academic year. This Teacher Training is characterised by the practice of the acquired knowledge about the pedagogic intervention, from four years of academic degree, in a real context.

In order to describe and reflect about whole experience and learning during the Teacher Training, developed in Escola Básica 2, 3 Martim de Freitas, in the academic year of 2019/2020 with the class of 7^oF, arise the present report, as the graduation requirements of the master course.

The report à priori mentioned is structured in three parts. In the “Capítulo 1”, the first chapter, where are expose the practice contextualization, will be described the initial expectations and a brief explanation about the school characterization, the group of work, the internship unit and the class. In the second chapter, that is structured in three main areas, will be explain the internship itself. In the first area, “Area 1”, will have the process of the accomplishment and evaluation planning, not forgetting the ethic-professional behaviour, the reason of some decisions and some dilemmas. In “Area 2” will be expose the organization and scholar management activities. In “Area 3” will be described some educational projects and partnership. In the last chapter, “Chapter 3”, is dedicated for the problematic theme, “Perceptions about the pedagogic intervention of the different actors in the same context of teaching-learning: a comparative study between three curricular subjects of one class of 10th year”, where will be explained the whole literature revision.

Keywords: *Teacher Training. Internship report. Physical Education. Reflexion. Pedagogic intervention.*

Sumário

Lista de abreviaturas e siglas	9
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – Contextualização da Prática	11
1. Expetativas iniciais	11
2. Caraterização do contexto	12
2.1 A escola	12
2.1 O grupo disciplinar	13
2.2 O núcleo de Estágio	13
2.3 A turma 7ºF	13
CAPÍTULO II – Análise Reflexiva da Prática Pedagógica	14
Área 1 – Atividades de Ensino – Aprendizagem	14
1. Planeamento	14
1.1 Plano Anual	15
1.2 Unidades Didáticas	16
1.3 Planos de aula	17
2. Realização	19
2.1 Instrução	19
2.2 Gestão	22
2.3 Clima e Disciplina	23
3.1 Avaliação Diagnóstica	24
3.2 Avaliação Formativa	25
3.3 Avaliação Sumativa	27
3.4 Autoavaliação	28
3.5 Parâmetros e Critérios de Avaliação	28
2. Atitude Ético-Profissional	29
4. Justificação das opções tomadas	30
5. Questões dilemáticas	33
Área 2 – Atividades de organização e gestão escolar	35
Área 3 – Projetos e Parcerias Educativas	36
CAPÍTULO III – Aprofundamento do Tema Problema: “A intervenção pedagógica de diferentes atores no mesmo contexto de ensino-aprendizagem”	37
1. Introdução	37
2. Enquadramento Teórico	38
Conclusão	41

Referências Bibliográficas	42
Apêndices	44
Anexos	54

Lista de abreviaturas e siglas

UC - Universidade de Coimbra

FCDEF - UC - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra

MEEFEBS - Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

EBMF - Escola Básica 2, 3 Martim de Freitas

EF- Educação Física

EP – Estágio Pedagógico

PNEF - Programa Nacional de Educação Física

PE – Projeto Educativo

RI – Regulamento Interno

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice I – Ficha Biográfica do aluno

Apêndice II – Plano anual

Apêndice III – Planeamento de Unidade Didática (exemplo)

Apêndice IV – Plano de aula (exemplo)

Apêndice V – Tabela de Avaliação (exemplo)

Apêndice VI – Tabela de Autoavaliação

LISTA DE ANEXOS

Anexo I – Certificado de participação “Formação em Olimpismo”

Anexo II – Cartaz “À conversa com...”

Anexo III – Cartaz “Ação de Formação de Ética Desportiva”

Anexo IV – IX Oficina de Ideias

INTRODUÇÃO

O presente documento, com o nome de Relatório de Estágio, surge no âmbito da unidade curricular de Estágio Pedagógico (EP) do ano letivo 2019/2020, inserido no plano de estudos do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (MEFEBS), da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (FCDEF-UC).

O Estágio Pedagógico pressupõe a aplicação prática dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da vida académica, ou seja, da licenciatura e do primeiro ano do mestrado.

Assim o mesmo foi desenvolvido na Escola Básica 2, 3 Martim de Freitas (EBMF), junto da turma do 7ºF, sob a orientação da professora cooperante Diana Melo e da Prof. Artur Romão, orientador da faculdade.

Ao longo do Relatório, será apresentado através da descrição direta e refletida todo o trabalho e todas as experiências que ocorreram ao longo do ano letivo enquanto professores estagiários, assim como as aprendizagens desenvolvidas.

O documento apresenta-se dividido em três capítulos, sendo que primeiro diz respeito à contextualização da prática, centrando a nossa reflexão sobre as expectativas iniciais e a caracterização do meio envolvente.

No segundo capítulo procedemos à análise reflexiva da prática pedagógica, onde será apresentado todo o processo da prática, desde o planeamento, passando pela realização, pela avaliação, justificando convenientemente as opções tomadas, a atitude ético-profissional e ainda todas as questões com que nos fomos deparando ao longo do ano letivo.

Por fim, o terceiro e último capítulo diz respeito ao aprofundamento do tema-problema, uma revisão de literatura desenvolvido, com o objetivo de verificar as perceções sobre a intervenção pedagógica de diferentes intervenientes no mesmo contexto de ensino-aprendizagem.

CAPÍTULO I – Contextualização da Prática

1. Expetativas iniciais

Após um ano de Mestrado, onde adquirimos bases teóricas e algumas noções do que poderia ser a prática, iniciámos a 1 de setembro o Estágio Pedagógico. Com o início do mesmo chegaram também as dúvidas e as incertezas, dúvidas se iríamos ser capazes de assumir o papel de professor e de enfrentar uma turma, dúvidas se iríamos conseguir optar pelas escolhas certas para que o processo de ensino-aprendizagem fosse eficaz. Portanto, incertezas se seríamos bons professores.

Sabíamos desde o início que, ao optarmos pela EBMF, não seria fácil, devido ao nível de exigência que ouvíamos que nos iria ser colocado. No entanto acreditávamos que o ano de Estágio seria sem dúvida um ano de grandes experiências e de muita aprendizagem. Logo, esta exigência seria gratificante para o nosso desenvolvimento enquanto professores.

Após o início da lecionação, mais questões foram surgindo como por exemplo a avaliação. Seríamos capazes de associar as capacidades dos alunos a uma classificação? Teríamos competências para transmitir conhecimentos de matérias com as quais não estávamos tão familiarizados? Apesar destas incertezas, sabíamos que a pesquisa e o apoio de professores mais experientes seriam uma ajuda fundamental neste nosso percurso.

Ao longo do Estágio, com os diversos momentos de reflexão conjunta proporcionados pela nossa professora cooperante, todas as dúvidas se foram dissipando. Através da troca e partilha de ideias fomos percebendo que a reflexão é um aspeto fundamental para o sucesso de um professor e que o docente deverá ser capaz de questionar todo o seu processo de ensino, de modo a perceber se o mesmo está a cumprir os objetivos pretendidos, podendo posteriormente realizar todas as alterações de modo a que este vá ao encontro das necessidades dos seus alunos.

Por fim, o EP proporciona uma experiência única e é através do mesmo que adquirimos competências básicas que nos ajudarão no futuro enquanto docentes.

2. Caracterização do contexto

2.1 A escola

O Agrupamento de Escolas Martim de Freitas caracteriza-se por ser um Agrupamento de matriz eminentemente urbana, instalado numa zona social e economicamente favorecida. É constituído por dois jardins-de-infância (Olivais e Montes Claros), e por cinco escolas básicas do 1.ºCiclo: Conchada; Coselhas; Santa Cruz; Olivais; Montes Claros e pela Escola Básica de 1.º, 2.º e 3.ºCiclos Martim de Freitas.

Salienta-se a existência de um centro escolar constituído pelo Jardim de Infância (JI) de Montes Claros e pela Escola Básica de 1.ºCiclo (EB1) de Montes Claros.

O único estabelecimento de ensino que se situa numa zona mais periférica, é a EB1 de Coselhas. No entanto, mesmo esta escola fica próxima da escola sede, num ambiente que tem vindo a ser absorvido pela mancha urbana. Todo o Agrupamento se concentra numa área de cerca de três quilómetros, a partir da escola sede.

Relativamente aos espaços físicos destinados às aulas de Educação Física, a escola conta com um polidesportivo (coberto), dois campos exteriores e uma caixa de areia. Ainda existe uma sala destinada a aulas teóricas.

É ainda de destacar que a escola dispõe de material suficiente para a lecionação das unidades didática definidas.

Com aproximadamente 1550 alunos, segundo o Projeto Educativo 2016/2019, a Escola Martim de Freitas assume como missão Prestar à comunidade um serviço educativo de elevada qualidade, dando uma resposta eficaz às diferentes necessidades, tendo em conta o carácter único e dinâmico da ESCOLA e promovendo uma atitude positiva e cooperante. Assim, o referido Projeto, caracteriza a Escola como inovadora, atrativa e segura, imbuída de espírito democrático e dotada de um corpo docente experiente e qualificado, empenhado em desenvolver nos seus alunos uma panóplia de características essenciais à formação enquanto bons alunos e bons cidadãos.

2.1 O grupo disciplinar

O grupo disciplinar de Educação Física (EF) de EBMF, composto por nove docentes, mostrou ser, desde início, um grupo com bom funcionamento e uma boa organização, acolhendo-nos e integrando-nos rapidamente no seu seio. Todos os professores se demonstraram solidários, predispondo-se a auxiliar no que fosse necessário, mantendo assim uma relação de proximidade com o núcleo de Estágio, criando um ambiente saudável entre todos.

É de destacar a Professora Diana Melo, nossa professora cooperante, que nos orientou e acompanhou durante todo o ano letivo e que através da sua experiência e de momentos de reflexão e discussão conjunta possibilitou o desenvolvimento de competências que nos ajudarão a ser melhores profissionais.

2.2 O núcleo de Estágio

O núcleo de Estágio, composto por três elementos, sendo que todos já se conheciam, uma vez que partilharam o primeiro ano de mestrado. No entanto o método de trabalho de cada um não era do conhecimento de todos, uma vez que nunca tinha surgido a oportunidade de desenvolver trabalho conjunto.

Apesar de cada um ter a sua personalidade e as suas ideias, todos tínhamos o mesmo objetivo. Através do trabalho colaborativo, da troca e partilha de ideias nos momentos de reflexão conjunta sobre as nossas aulas e de todas as situações novas com que nos fomos deparando ao longo do tempo, proporcionados pela nossa professora cooperante, foi possível a entreaajuda de modo a ultrapassar as dificuldades de cada um, encontrando as estratégias mais favoráveis às turmas e aos alunos com que cada um trabalhou, o que permitiria um ensino de melhor qualidade e de maior sucesso possível.

Por fim, o apoio do grupo ao longo de todo o ano letivo, a partilha de ideias e a troca de experiências, foram uma mais-valia para o desenvolvimento de um Estágio com qualidade.

2.3 A turma 7^oF

Para que o processo de ensino-aprendizagem vá ao encontro das necessidades da turma, é necessário conhecer os nossos alunos, uma vez que todos eles apresentam características próprias.

Assim, a escolha da turma foi uma das primeiras decisões a tomar, sendo que para este Estágio foi atribuída a turma do 7ºF.

De modo a conhecer melhor os alunos, elaborámos uma ficha biográfica (apêndice I) que foi entregue e preenchida pela turma no primeiro dia de aulas.

A turma era constituída por 26 alunos, dos quais 12 do sexo feminino e 14 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos.

No que diz respeito às modalidades já praticadas pelos alunos, foram referidas, com maior número de respostas, a Natação, Futebol e sendo que também foram apontadas o Basquetebol, Atletismo, Andebol, Ginástica, entre outras.

Já como modalidades favoritas, a turma destacou o Futebol, o Voleibol. Perante estas respostas foi possível verificar que, quando lecionadas estas modalidades, a turma demonstrou bastante empenho e predisposição para a prática.

É possível assumir que, dentro da turma, houve diferenças no nível de empenho dos alunos, variando o mesmo dependendo da unidade didática (UD). No entanto, de modo geral, a turma demonstrou grande capacidade e gosto pela prática desportiva.

Concluindo, no início do ano foi importante estabelecer as regras, fazendo-as cumprir ao longo das aulas, de modo a que as condições fossem favoráveis à aprendizagem dos alunos. A turma não demonstrou grandes problemas relacionados com o comportamento. O único aspeto que apesar de ter sido trabalhado ao longo do ano, mas que, no entanto, consideramos importante e que deverá ser melhorado pela turma, diz respeito à autonomia dos alunos, uma vez que a maioria da turma demonstrava falta de iniciativa, sendo necessário o reforço de informação.

CAPÍTULO II – Análise Reflexiva da Prática Pedagógica

Área 1 – Atividades de Ensino – Aprendizagem

1. Planeamento

Segundo Bento (1982, *cit.in* Bento, 1998, p.19), “O planeamento é uma abordagem pormenorizada e criativa do programa.”

Ao planificar, o professor deverá ter em conta as características dos alunos, de modo a que o processo ensino-aprendizagem seja o mais adequado possível às diferenças dos mesmos (Bento, 1998, p. 13-37).

Relativamente ao planeamento, no início do ano letivo, na semana antes de iniciarem as aulas, foram realizadas, com o núcleo de Estágio e com a professora cooperante, reuniões preparatórias. Nestas reuniões, refletimos conjuntamente acerca da importância da planificação, dos vários níveis de planeamento (planeamento a longo, médio e curto prazo) e de todos os aspetos a ter em conta neste momento.

Assim sendo, subdividimos a planificação em três momentos: planeamento a longo prazo (plano anual), planeamento a médio prazo (unidades didáticas) e o planeamento a curto prazo (planos de aula). Para cada momento foram construídos documentos que nos orientaram na nossa prática, sendo que os mesmos foram sofrendo os ajustes necessários garantindo uma aprendizagem mais sólida para os alunos.

Concluindo, sendo o planeamento um instrumento orientador, para o docente, no processo de ensino-aprendizagem, defrontámo-nos com algumas dificuldades e dúvidas, mas através da reflexão com os elementos do núcleo de Estágio e da prática, fomos percebendo o caminho mais correto e vantajoso para os alunos.

1.1 Plano Anual

“A elaboração do plano anual corresponde a uma necessidade objetiva.” (Bento, 1998, p.66).

O plano anual deverá ser o primeiro passo do planeamento. É através do mesmo que o professor planeia todo o trabalho realizado ao longo do ano letivo, definindo os resultados a alcançar.

Neste nível de preparação do ensino, o professor deverá ter em conta alguns aspetos e tarefas, que o ajudarão na elaboração do planeamento anual.

Posto isto, para a elaboração do plano anual (apêndice II), começámos por analisar o Plano Nacional de Educação Física (PNEF), o Projeto Educativo (PE), o Regulamento Interno (RI) e outro material que consta no dossiê digital do grupo disciplinar de Educação Física que nos auxiliou a definir as matérias, objetivos e metas propostos para o ano de escolaridade a lecionar (7ºano).

De seguida, consultámos a calendarização para o ano letivo 2019/2020, e marcámos todas as pausas letivas, feriados e todas as atividades programadas para todo o ano letivo, o que nos permitiu perceber o número de aulas dedicadas ao processo de ensino-aprendizagem.

Posteriormente, tivemos acesso ao mapa de rotação dos espaços, que nos possibilitou a distribuição das matérias pelos mesmos, assim como perceber o número de aulas dedicadas a cada modalidade, uma vez que o grupo disciplinar define um período de três semanas em cada espaço.

Concluindo, aquando da elaboração do documento para esta fase de planeamento, sentimos dificuldades em torná-lo simples e de fácil consulta.

1.2 Unidades Didáticas

As unidades didáticas são partes essenciais de uma disciplina. Constituem, portanto, unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino aprendizagem.

(Bento, 1998 p.75)

Segundo o mesmo autor, a construção das UD não deve limitar-se à distribuição de matérias pelas aulas, mas sim ter em consideração as características da turma, traçando a partir daí objetivos que ajudarão os alunos a adquirir habilidades e capacidades essenciais para o seu desenvolvimento.

Posto isto, as UD de cada bloco de matéria foram elaboradas, partindo todas do mesmo índice: Introdução, pressupostos para o entendimento e compreensão da modalidade, história e evolução da modalidade, objetivos da mesma (objetivos comuns a todas as áreas, objetivos gerais e objetivos específicos), as habilidades motoras, as características dos recursos, a caracterização da turma, a extensão e sequência de conteúdos (apêndice III) a estruturação dos conteúdos aula a aula, ou seja o planeamento da unidade didática (apêndice IV), que foi sofrendo alteração, de acordo com as condições em que o ensino foi decorrendo, sendo modificado sempre que necessário ao longo do ano letivo, com o intuito de dar melhor qualidade de ensino aos alunos. Constou ainda a avaliação (diagnóstica, formativa e sumativa e autoavaliação), as estratégias utilizadas, as dimensões da intervenção pedagógica e por fim um balanço final.

Ao elaborar o planeamento de unidade didática e a sequência de conteúdos, para cada modalidade a lecionar, foram algumas as questões com que nos deparámos. Qual a sequência de conteúdos a seguir? Qual seria a mais correta e vantajosa para os alunos?

Tudo era uma incógnita, no início do Estágio, o nosso conhecimento sobre planificar era apenas teórico, tornando-se complexo perceber o que realmente resultaria na prática. Ao longo do ano letivo algumas dúvidas foram desaparecendo outras foram surgindo, sempre que iniciávamos uma modalidade nova, surgiam novas questões sobre os conteúdos, no entanto, privilegiando sempre o trabalho de grupo e a reflexão, fomos conseguindo resolver os problemas com que nos íamos deparando.

Por fim, apesar das Unidades Didáticas serem realizadas no início de cada modalidade, têm como função auxiliar o professor na sua prática pedagógica ao longo das unidades de matéria, por isso mantiveram-se sempre “abertas” a possíveis alterações, sempre que era necessário realizar ajustes, de modo a melhorar o processo pedagógico.

1.3 Planos de aula

Toda a aula de Educação Física deverá ser pensada e refletida. O professor antes de lecionar a aula deverá planificar, de modo a ter uma perceção de como esta deve decorrer. (Bento, 1998, p.101-104).

Posto isto, no início do ano letivo, o núcleo de Estágio, elaborou uma estrutura de plano de aula (apêndice V) baseado num documento da mesma natureza, fornecido pela faculdade. Assim sendo e após vários ajustes, o plano de aula segue uma estrutura tripartida, com uma parte inicial da aula, onde pertencem os exercícios de aquecimento, que para além da mobilização articular, tentámos que tivessem transfere para a modalidade a abordar, com uma parte fundamental, onde é dedicada a maior parte do tempo, constituída pelos exercícios principais da aula, que se aproximam ao contexto real da modalidade (ex. JDC – situação de jogo), e por fim a parte final da aula, dedicada ao balanço da mesma e revisão dos conteúdos abordados. Para cada tarefa da aula é especificado o conteúdo (exercícios), a sua organização, normalmente em esquema, a sua explicação, ou seja, como se desenvolvem os exercícios, as componentes críticas, o objetivo e os critérios de êxito. O tempo de cada exercício é também estipulado, no entanto serve apenas de

orientação, uma vez que só no decorrer da aula, conseguimos perceber qual o tempo ideal para o exercício, dependendo da reação da turma ao mesmo. Por fim a fundamentação das opções tomadas, onde refletimos sobre a planificação da aula, justificando os exercícios adotados e as suas vantagens, em função da matéria observada e das características da turma.

Relativamente à elaboração dos planos, muitas questões foram surgindo: Seriam os exercícios adequados? Estaríamos realmente a trabalhar os conteúdos pretendidos? E o espaço? Como colocar uma turma de 26 alunos no espaço, por vezes reduzido, que nos era atribuído? Que condicionantes aplicar aos alunos com mais dificuldades? E o que planear para tornar os exercícios mais complexos e desafiantes para os alunos mais aptos? Com o decorrer do Estágio e ao conhecer cada vez melhor a turma, algumas destas questões tornaram-se mais fáceis de responder, no entanto, cada vez que trocávamos de modalidade, as preocupações surgiam de novo, uma vez que cada modalidade apresenta as suas características, assim como o novo espaço para a aula.

No que diz respeito à fundamentação, no início do ano letivo, a nossa capacidade de reflexão era reduzida, pelo que nos limitávamos a descrever os exercícios. No entanto, e após vários e longos momentos de reflexão com o núcleo de Estágio, no fim de cada aula, fomos percebendo o que era realmente importante referir.

Concluindo, o plano é sem dúvida uma orientação para o professor, facilitando uma sequência lógica de tarefas para a aula que, posteriormente, poderá ditar a qualidade da mesma. Durante a realização do plano, o professor deverá ter em conta as características da turma, de modo a aproximar os exercícios às dificuldades dos seus alunos, evitando tarefas que não se adequem e que podem levar a um processo de ensino aprendizagem sem qualidade.

2. Realização

Ao longo deste ponto, pretendemos expor toda a prática pedagógica desenvolvida por nós ao longo do Estágio Pedagógico.

Assim, iremos descrever o nosso trabalho ao longo do ano letivo nas distintas dimensões pedagógicas – Instrução, Gestão, Clima/Disciplina.

É de salientar que é nesta fase que o professor contacta diretamente com os alunos, o que se torna uma tarefa complexa, visto que numa turma de 26 alunos, todos são diferentes e todos apresentam características e dificuldades distintas, sendo da responsabilidade do professor a aprendizagem de todos eles.

2.1 Instrução

Uma grande parte do tempo de aula é gasto a fornecer informação aos alunos, ou seja, na instrução, que inclui as demonstrações, os momentos de preleção, o questionamento e os feedbacks. (Siedentop, 2008, p.61)

No que diz respeito aos momentos de preleção. Ao longo das aulas aconteceram na sua maioria no início, como forma de revisão dos conteúdos das aulas anteriores, apresentação das tarefas e matéria a abordar na aula, e no final da sessão, de modo a realizar um balanço da mesma.

Foram também realizados momentos de preleção aquando a transição de exercícios com vista à explicação dos mesmos.

Tal como refere Siedentop, (2008, p.257), tentamos que os momentos de instrução ocupassem o menor tempo possível, fossem claros, rápidos e concisos, centrados na informação principal, evitando demasiados detalhes, facilitando uma compreensão rápida dos alunos. Além disso foi nossa preocupação utilizar uma linguagem adequada ao nível do aprendiz, certificando-nos se a informação foi compreendida. Todas estas preocupações tinham como objetivo rentabilizar o tempo de empenhamento motor, privilegiando o tempo de prática.

Posto isto, ao longo do ano letivo, todas as características anteriormente referidas foram sendo aprimoradas através de reflexões conjuntas e da experiência que ao longo das aulas íamos adquirindo.

Acreditamos que os erros cometidos estavam relacionados com a falta de experiência, fazendo-nos recear se a quantidade de informação seria suficiente.

Também a nossa dificuldade com algumas modalidades, influenciaram o nosso discurso, o que nos levou a estudar com mais rigor os conteúdos para que aquando da transmissão dos mesmos, não houvesse falhas.

Ao longo do EP os momentos de preleção, foram aparecendo com mais clareza e mais rapidez, havendo necessidade de os prolongar sempre que eram introduzidos conteúdos, no entanto nas aulas de exercitação e consolidação estes momentos serviam apenas para reforçar a informação, tornando-os mais rápidos.

Ainda como dificuldade sentida nas primeiras aulas, podemos apontar a disposição dos alunos durante os momentos de preleção. Por vezes os alunos aglomeravam-se dificultando-nos a visão geral da turma, o que provocava conversas e brincadeiras sem que nos apercebêssemos. Como estratégia a melhorar esta dificuldade, criámos rotinas de disposição, de modo a que todos os alunos estivessem dentro do nosso campo de visão.

Quanto às conversas paralelas, houve por vezes necessidade de mantermos o silêncio de modo a captar a atenção da turma, assim como também como estratégia de manter a atenção, evitamos espaços com demasiado ruído e distrações.

No que diz respeito ao questionamento, no início do ano, não recoríamos muito, no entanto fomos percebendo através de reflexões conjuntas que seria uma mais valia para os alunos, de modo a inculcá-lhes a capacidade de reflexão, levando a uma aprendizagem mais eficaz. Assim, estes momentos ocorreram com mais incidência no início e no final da aula, no entanto foi também utilizado sempre que achávamos oportuno, durante a tarefa através do questionamento dirigido, levando o aluno a refletir sobre as ações, promovendo aprendizagem.

De modo a tornar o questionamento eficaz, houve necessidade de adequar o tipo de questões ao nível do aluno, reformulando-as sempre que necessário. O tempo dado à resposta foi também tido em conta, para que o aluno pudesse refletir e responder de forma lógica.

Relativamente às demonstrações, foram realizadas sempre que eram introduzidas novas matérias, conteúdos ou tarefas, com o objetivo de privilegiar uma melhor compreensão dos alunos, e por acreditarmos que o contacto visual facilita a aprendizagem.

Para isso, tivemos em conta a qualidade do modelo, recorrendo aos alunos como agentes de ensino, por norma os alunos mais aptos para a modalidade em questão. O posicionamento foi também um aspeto de preocupação, facilitando a visualização e toda a turma. Por fim, as demonstrações foram realizadas inicialmente a uma velocidade mais lenta e por fim à velocidade real do movimento.

Por fim, o feedback é uma informação transmitida pelo professor ao aluno, ajudando-o a repetir os comportamentos adequados, eliminando os incorretos e a atingir os comportamentos previstos. (Piéron, 1999, p.122).

Para isso, é necessário que o professor verifique se o aluno compreendeu a mensagem recebida.

Assim sendo, ao longo das aulas tivemos a preocupação de fornecer feedback de modo a tornar o ensino com mais qualidade e orientado. No início do Estágio centrávamo-nos mais em feedbacks prescritivos e descritivos e primordialmente na forma auditiva. Ao longo do mesmo fomos percebendo que o feedback interrogativo também seria importante para uma aprendizagem eficaz, assim como enquanto à forma, visual e quinestésica, traziam grandes vantagens para os alunos.

Relativamente à forma visual, quando utilizada os alunos percebiam mais rápido o pretendido, assimilando melhor os conteúdos.

Ainda dentro das dimensões do feedback, fomos percebendo que muitas vezes seria vantajoso fornecer feedback à turma ou ao grupo, evitando repetir a 26 alunos uma informação transversal à turma, no entanto por vezes era necessário o reforço individual.

Partindo da ideia de que o feedback é a informação dada pelo professor aos alunos, e que da mesma é esperado uma mudança de comportamento, o professor após fornecer a informação deverá acompanhar a execução, percebendo se surtiu o efeito desejado, e assim fechar o ciclo de feedback, ou então reforçar a informação. Posto isto, no início uma das nossas lacunas era a falta de fecho de feedback, ou seja, limitávamo-nos a transmitir informação sem confirmação do efeito da mesma, posteriormente esta dificuldade foi ultrapassada, passando a fornecer informação e observar para voltar a transmitir feedback, consoante a ação do aluno.

Terminando, para que o feedback fosse eficaz, como defende Siedentop, (2008 p.68), tentamos que fosse exato, adequado, mantendo um conhecimento integral da matéria.

Concluindo, considerámos que o feedback foi essencial na orientação da aprendizagem dos alunos e quanto mais direto e claro fosse, maior sucesso demonstrava na aprendizagem dos discentes.

2.2 Gestão

Para Piéron (1996, p.37), a Gestão da aula é um elemento essencial no ensino eficaz da Educação Física, sendo determinante que o tempo de empenhamento motor seja elevado, de modo a facilitar a aprendizagem. No entanto, não basta a planificação de tarefa, é importante o controlo da mesma durante a ação.

Assim, ao longo das aulas, foi nossa preocupação rentabilizar o tempo de aula ao máximo, privilegiando o tempo de empenhamento motor, evitando o gasto de tempo desnecessário em transições entre exercícios e em momentos de instrução prolongados. Para que fosse possível uma gestão do tempo mais eficaz, encontramos diversas estratégias, que fomos aplicando, desenvolvendo e a afinando em conjunto com os alunos, de forma conjunta e consensual. Nesse sentido, procurámos iniciar a aula à hora prevista, incutindo nos alunos a importância da pontualidade; criar rotinas, como sinais sonoros, agilizando momentos de transição, gestão e instrução entre exercícios. Dentro desta mesma lógica, procurámos selecionar e aplicar exercícios semelhantes ao longo das aulas, ajustando apenas algumas condicionantes específicas subordinadas aos conteúdos a abordar, promovendo uma melhor gestão do tempo. Os alunos, ao conhecerem os exercícios, evitavam gastos de tempo desnecessários na explicação das novas tarefas. Por fim, a criação de grupos de trabalho de forma antecipada e a gestão cuidada da sua constituição ao longo da aula, ajudou a rentabilizar o tempo dedicado à prática.

Concluindo, ao longo do ano fomos percebendo a importância desta dimensão no desenvolvimento e aplicação das tarefas de ensino, pois quanto mais qualidade tiverem as decisões e as estratégias de gestão, mais qualidade e mais tempo haverá para a aprendizagem dos alunos

2.3 Clima e Disciplina

O professor é responsável por criar um ambiente produtivo e propício à aprendizagem. (Siedentop, 2008, p.63). Na mesma linha de pensamento, Soar e Soar, (1979, cit.in.Siedentop, 2008, p.63) defendem que, ao proporcionamos um bom clima de aula, estaremos a beneficiar a aprendizagem dos alunos, evitando um clima negativo e pouco produtivo à aprendizagem.

As dimensões clima/disciplina encontram-se intimamente ligadas, sendo também influenciadas pela Gestão e qualidade da Instrução.

Apesar de termos conhecimento das diversas personalidades e comportamentos existentes na turma, cabe-nos a nós, profissionais prevenir e antecipar comportamentos inapropriados. Assim desde início, houve necessidade de manter uma postura firme, perante a turma, zelando sempre por um bom clima de aula, inculcando o sentido de responsabilidade nos alunos.

A turma à qual lecionamos não apresentou problemas de indisciplina, no entanto os comportamentos fora de tarefa, por vezes apareceram, principalmente aquando dos momentos de preleção em que os alunos insistiam em conversas paralelas. Como estratégia, adotámos o comportamento de interromper a nossa preleção, esperando que os alunos fizessem silêncio. Esta estratégia foi positiva, pois ao longo do tempo os alunos foram percebendo que nos momentos de transmissão de informação teriam de prestar atenção.

A circulação pelo espaço da aula foi também tida em conta, de modo a observar a turma na íntegra, no entanto, por vezes a nossa presença deveria ter sido mais sentida, evitando comportamentos fora de tarefa de alguns alunos.

Relativamente aos comportamentos fora de tarefa detetados pelo professor, por vezes eram ignorados, sempre que era retomada rapidamente a atividade, quando não acontecia, os alunos foram alertados do seu comportamento.

Concluindo, ao longo do Estágio Pedagógico fomos tendo em atenção as características da turma, tentando antever alguns comportamentos inapropriados, prevenindo-os, zelando sempre por um bom clima de aula.

3. Avaliação

Segundo o Decreto-lei nº 139/2012, de 5 de julho “a avaliação constitui um processo regulador do ensino, orientador do percurso escolar e certificador dos conhecimentos adquiridos e capacidades desenvolvidas pelo aluno.”

Também Ribeiro, L. (1999, p.75) afirma que a avaliação nos permite acompanhar o progresso do aluno, ajudando o professor a perceber as competências já adquiridas e as dificuldades ainda existentes, para posteriormente encontrar estratégias que ajudarão os alunos a alcançar os objetivos.

Portanto, ao longo de todo o ano letivo, o percurso de aprendizagem dos alunos foi acompanhado através da avaliação formativa, para que no momento da avaliação sumativa, pudéssemos apenas realizar a confirmação dos dados recolhidos anteriormente.

Deste modo, foram construídos, pelo grupo disciplinar, instrumentos que nos auxiliaram na realização dos diferentes tipos de avaliação: avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação sumativa.

Concluindo, avaliar foi sem dúvida uma das maiores dificuldades sentidas, por considerarmos ser um processo muito complexo atribuir classificações às habilidades dos alunos, havendo sempre receio de injustiça. É certo que as dificuldades ao longo do ano foram diminuindo, no entanto ainda são sentidas.

3.1 Avaliação Diagnóstica

O Decreto-lei nº 139/2012, de 5 de julho afirma que “a avaliação diagnóstica visa facilitar a integração escolar do aluno, o apoio à orientação escolar e vocacional e o reajustamento de estratégias.”

É através da Avaliação Diagnóstica que podemos perceber o nível dos alunos relativamente às aprendizagens anteriores e assim antecipar as dificuldades futuras, facilitando a definição das metas esperadas. (Ribeiro, L. 1999, p.79). A esses conhecimentos o autor apelida de pré-requisitos, e afirma que a aquisição de novas aprendizagens depende dos mesmos e que, sem eles, não serão possíveis.

A avaliação Diagnóstica foi realizada nas duas primeiras aulas de cada UD. Sendo que a primeira aula foi dedicada à recolha dos dados e a segunda serviu para a

confirmação dos mesmos. Com a mesma, pretendemos diagnosticar o nível e as dificuldades dos alunos, utilizando como instrumento de recolha de dados uma grelha de avaliação diagnóstica (apêndice VI).

Para todos os documentos foram desenvolvidos descritores para avaliar como modo critério e para o preenchimento da mesma, de modo a avaliar os descritores definidos. Também os mesmos níveis corresponderam ao grupo a que o aluno se inseria: nível introdutório, nível elementar e nível avançado, respetivamente.

As aulas dedicadas a este momento de avaliação foram planeadas e estruturadas com tarefas que nos facilitaram a observação dos descritores definidos para a análise. No caso dos jogos desportivos coletivos (Futebol, Voleibol e Badminton) demos primazia a situações de tomada de decisão nos jogos reduzidos, já nas modalidades individuais centrámo-nos nas ações técnicas de cada matéria, tentando criar situações o mais próximo da realidade possível.

Nunca foi perdida de vista a aprendizagem dos alunos, sendo que o feedback fez parte das mesmas, fazendo com que erros mais grosseiros fossem corrigidos logo que possível. Esta articulação entre observação/avaliação e ensino foi uma das grandes dificuldades, pois sentimos que se torna demasiado complexo avaliar e preencher a ficha de observação e ao mesmo tempo ensinar os alunos, esta dificuldade deve-se à falta de experiência que temos na observação.

Após a realização da Avaliação diagnóstica, procedemos à divisão da turma por diferentes grupos de nível e à definição dos objetivos para cada um, tendo em conta as dificuldades detetadas, para posteriormente planejar tarefas adequadas às mesmas e assim permitir que o processo de ensino aprendizagem fosse adequado à turma e eficaz.

Concluindo, a avaliação diagnóstica é essencial para o restante planeamento das unidades didáticas, é através das mesmas que conseguimos definir um rumo para as aulas posteriores.

3.2 Avaliação Formativa

“A avaliação formativa tem como objetivo adaptar a ação pedagógica aos progressos e problemas de aprendizagem dos alunos.” (Carvalho, L. 1994, p. 144). Este tipo de avaliação é realizado no sentido de identificar as dificuldades dos alunos

de modo a perceber se os objetivos estão a ser cumpridos e posteriormente proceder aos ajustes necessários no processo de ensino-aprendizagem, através de estratégias adequadas aos problemas observados.

Tal como defende Ribeiro (1999, p.84), esta avaliação surge quantas vezes o professor entender conveniente durante o processo de ensino-aprendizagem. Seguindo a ideia do autor, consideramos que a avaliação não deverá ser remetida apenas em momentos específicos, mas sim contínua.

Relativamente ao domínio psicomotor, apesar de sabermos que o ideal seria também avaliar aula a aula, de modo a recolher o máximo de informações possível, tornar-se-ia uma prática impossível para nós, uma vez que o nosso grande foco era promover a aprendizagem dos alunos, logo e apesar de ambicionarmos realizar estas duas tarefas, ensinar e observar criteriosamente, de grande importância em simultâneo, se o efetuássemos, não seria com a qualidade que pretendíamos.

Assim sendo, a avaliação formativa pode assumir um carácter informal, quando o professor anota aspetos relevantes da aula relativamente à prestação dos alunos, sem qualquer critério, servindo apenas como notas informativas, ou então poderá ser uma avaliação de carácter formal, quando são elaborados documentos criteriosos que auxiliam o professor na recolha de dados.

Para além dos momentos formais, ocorreram também momentos informais durante as aulas, o questionamento esteve presente sempre que possível de modo a perceber o nível cognitivo dos alunos, sendo este ajustado ao grupo de nível a que era feito, ou seja com questões de carácter mais simples para os alunos com mais dificuldades, e de carácter mais complexo para os alunos com mais aptidão e mais conhecimento. Todas as questões foram reformuladas sempre que necessário e apoiadas aquando da resposta percebíamos dificuldades. No que diz respeito ao domínio socio-afetivo (comportamento, participação, empenho, pontualidade, assiduidade e faltas de material) foram construídas duas grelhas (apêndice III), preenchidas em todas as aulas.

3.3 Avaliação Sumativa

“A avaliação sumativa pretende ajuizar do progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já recolhidos na avaliação formativa e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino.”

(Ribeiro, 1999, p.89)

Assim, partindo da opinião do autor, a avaliação sumativa foi realizada sempre no final de cada UD, servindo como balanço final de todo o processo de aprendizagem. Este tipo de avaliação teve como objetivo a confirmação dos dados recolhidos ao longo de todas as aulas de cada modalidade.

A estrutura das aulas não foi alterada, mantendo os exercícios que os alunos já conheciam e que estavam habituados a realizar, assim como a nossa postura, fornecendo sempre feedback, zelando pela aprendizagem dos alunos, pois em todos os momentos deve ser essa a nossa maior preocupação.

No caso dos jogos desportivos coletivos, demos ênfase ao jogo, e toda a tomada de decisão do aluno no mesmo, já nos desportos individuais, relativamente à Ginástica de Solo, demos primazia à capacidade dos alunos de apresentarem os elementos gímnicos através de uma sequência.

É de salientar que apesar de ser nossa preocupação aproximar o processo de ensino à realidade das modalidades, nunca foi perdido de vista o nível dos alunos. Assim as tarefas de aula não seguiram o mesmo molde para todos os grupos de nível, foram respeitados o momento e o nível de desempenho individual.

Para a realização da avaliação sumativa foi utilizada uma tabela igual ao instrumento da avaliação diagnóstica (apêndice IX). Com os respetivos níveis de desempenho.

Concluindo, avaliar é sem dúvida o processo mais complicado, pois torna-se muito complexo atribuir uma classificação à aptidão dos alunos, havendo sempre receio de injustiça. Ao longo do ano letivo as dificuldades foram diminuindo, no entanto consideramos que existem ainda muitos aspetos a melhorar, tal como a capacidade de observação e deteção de erros e de possíveis correções imediatas que auxiliem a

aprendizagem dos alunos. Acredito que a experiência será um grande fator a nosso favor na melhoria das dificuldades apresentadas, assim como um conhecimento mais aprofundado das modalidades e as suas componentes críticas.

3.4 Autoavaliação

Nobre (2015, p.68), a avaliação formadora centra-se no aluno e na autoavaliação, pertencendo ao processo de aprendizagem.

A autoavaliação permite ao aluno refletir sobre o seu percurso, enquanto sujeito em aprendizagem, tornando-se, portanto, um processo de metacognição e por sua vez um meio de aprendizagem (Santos, 2002, *cit.in. Pinto, 2004, p.26*).

Assim sendo, de modo a integrar os alunos na sua aprendizagem, foram definidos pelo núcleo de Estágio três momentos de autoavaliação, no final de cada período.

Nobre (2015, p.69), afirma que “um aluno realiza um determinado número de balanços intermédios que servem de regulação para o seu trabalho...” É neste sentido que surge o segundo momento de autoavaliação, a meio de cada UD. Este foi realizado através de uma minificha de autoavaliação elaborada pelo núcleo de estágio

Perante as respostas selecionadas, os alunos poderiam perceber quais os aspetos a melhorar e assim trabalhar, para atingir os objetivos esperados.

Concluindo, todo o processo de autoavaliação foi orientado dando aos alunos informações suficientes que lhes possibilitassem refletir sobre a sua prestação. No geral, todos os alunos justificaram conscienciosamente o porquê de atribuir determinada classificação, justificando os parâmetros em que deviam investir mais.

3.5 Parâmetros e Critérios de Avaliação

Os critérios de avaliação podem servir de referência para avaliar, através dos mesmos os alunos conseguem perceber o que é esperado de si e ao professor servem de guia para o processo de avaliação. (Segundo Sá, 2004, *cit.in. Vieira, 2013, p.34*).

Os critérios e parâmetros de avaliação gerais encontravam-se definidos pelo grupo disciplinar, sendo estas transversais a todas as Unidades Didáticas.

I. Conhecimentos e Capacidades:

a) Domínio Específico da Disciplina: 70%

1) Atividades Físicas: 55%

2) Aptidão Física / Testes FITescola: 5%

3) Conhecimentos: 10%

b) Domínio de Trabalho: 15%

II. Atitudes

c) Domínio Social: 15%

Para que a avaliação seja um contributo para a formação e tenha como chave a regulação, esta tarefa não poderá ser apenas da responsabilidade do professor, o aluno deverá ter um papel principal na mesma. (Pinto, 2004, p.34).

Posto isto, na primeira aula do ano letivo, todos os alunos foram informados e esclarecidos sobre os critérios de avaliação gerais, sendo-lhes ainda facultada uma folha com os mesmos

2. Atitude Ético-Profissional

Segundo o Guia de Estágio, “a ética profissional constitui uma dimensão paralela à dimensão intervenção pedagógica e tem uma importância fundamental no desenvolvimento do agir profissional do futuro professor.”

Ao assumirmos o papel e as funções docentes, ainda que num período de profissionalização (estagiário), a nossa postura deverá corresponder às exigências impostas pelo perfil funcional do professor, tornando-se importante refletir continuamente sobre a prática e sobre o nosso papel na orientação e desenvolvimento das competências dos alunos, para que atinjam o seu potencial e sejam bem-sucedidos.

Sendo o professor um modelo para os alunos, disponibilizamo-nos sempre para colaborar com os nossos discentes, mostramo-nos recetivos a colaborar na sua formação para que se tornem melhores cidadãos, assumimos sempre grande responsabilidade e compromisso no e com o trabalho, nas relações com os colegas e ainda no desenvolvimento da capacidade autocritica e reflexiva.

Consideramos que todos os aspetos anteriormente referidos fazem parte do papel do professor, pois o bom docente não se traduz naquele que se limita a transmitir conteúdos, mas sim, aquele que conhece os seus alunos e que, para além de desenvolver aprendizagem nos seus aprendizes, tem influência do desenvolvimento dos mesmos, transmitindo-lhes valores importantes na sua formação.

De modo a cumprir com as nossas responsabilidades no seio escolar, estivemos presentes em todas as reuniões do grupo disciplinar, assim como nas reuniões do núcleo de estágio e ainda no conselho de turma, no final de cada período escolar.

Participámos ainda no planeamento e realização das atividades internas da nossa área (EF), referidas posteriormente na Área 2 e 3.

Por fim, privilegiando o nosso desenvolvimento científico pedagógico, demos ênfase à formação contínua. Para isso participámos em algumas ações de formação: Ação de formação sobre Olimpismo. (anexo I);, Jornadas solidárias Científico Pedagógicas (anexo II), onde apresentámos uma parte do nosso Tema Problema, FICEF (anexo III), onde juntamente com o núcleo de estágio apresentámos um estudo sobre a intervenção pedagógica.

Concluindo, ao longo do ano letivo, consideramos que a ética e o profissionalismo serviram de base ao nosso desempenho diário, sendo que todo o trabalho desenvolvido ao longo do ano de Estágio nos proporcionou um crescimento a nível pessoal e profissional.

4. Justificação das opções tomadas

Ao longo deste ano letivo, foram muitas as opções tomadas, com o intuito de dar qualidade ao processo de ensino-aprendizagem adaptando-o às características dos alunos.

Assim, de acordo com as Unidades Didáticas, foram tomadas opções distintas, ajustando-se às características das modalidades e à aptidão e predisposição da turma para a prática das mesmas, privilegiando sempre o sucesso dos discentes. Decisões essas que tiveram efeito imediato, mantendo-se, outras que necessitaram de ajustes. Por exemplo: o trabalho por grupos de nível (diferenciação pedagógica) e ainda e ainda a aplicação estratégica de diferentes estilos e modelos de ensino.

De modo a diferenciar o ensino, criámos grupos de nível em todas as Unidades Didáticas (grupo de nível introdutório, elementar e avançado). Para cada um deles foram definidas metas a atingir, em função da modalidade e das características dos alunos. Como entendemos que diferenciar não implica apenas dividir a turma por grupos, tivemos em conta as tarefas propostas para cada grupo, considerando o grau de dificuldade respeitando o nível de desempenho individual dos alunos, para que o processo de ensino-aprendizagem fosse o mais adequado possível às características apresentadas, levando a turma ao sucesso.

Relativamente aos estilos de ensino utilizados, foram eleitos de acordo com as modalidades e a predisposição dos alunos para a prática, uma vez que cada um deles apresenta características distintas, adequando-se a situações específicas.

O estilo de ensino “comando” foi um dos utilizados, destacando-se nas tarefas iniciais da aula, parte do aquecimento, uma vez que a turma demonstrava pouca autonomia para orientar os exercícios. Assim nestes momentos mantivemos o controlo dos exercícios fazendo os alunos cumprir, sendo estas as características do referido estilo em que o professor controla toda/s a/s tarefa/a.

O estilo de ensino “comando” também foi privilegiado na gestão dos grupos de nível introdutório e por vezes no elementar, ao longo de toda a aula, uma vez que estes alunos apresentavam mais dificuldades e menos competências para a autogestão, sendo essencial a presença do professor.

Outro estilo de ensino utilizado, foi o estilo tarefa, caracterizado pela importância de desenvolver no aluno autonomia e responsabilidade.

Este estilo foi privilegiado no grupo de nível avançado e por vezes no grupo de nível elementar, conforme as modalidades. Nas Unidades Didáticas de Futebol e Badminton, que servem de exemplo, os alunos do grupo de nível avançado demonstraram autonomia suficiente para orientar a sua própria tarefa, pelo que decidimos conceder-lhes maiores períodos de autonomia tão alargados quanto possível e tão supervisionados quanto necessário, através do fornecimento de feedback julgado mais pertinente e ajustado ao momento.

No que diz respeito aos modelos de ensino, utilizados, destacamos o *Teaching Games for Understanding* (TGfU) e o Modelo de Educação Desportiva (MED). O

primeiro, defende que o jogo deverá ser aprendido a jogar. Segundo Garganta (1995 *cit.in.* Clemente & Mendes 2011, p.29), é importante desenvolver nos alunos capacidades que os ajudem a perceber o jogo e toda a tomada de decisão que este exija, não limitando o ensino à aprendizagem dos gestos técnicos individualizados.

Assim, e nas Unidades Didáticas em que era possível a utilização deste modelo, todo o processo de ensino, foi centrado no jogo, através de jogos reduzidos e condicionados, desenvolvendo nos alunos a capacidade de reflexão na ação de modo a compreender os princípios de jogo. As modalidades onde se destacou o ensino através dos TGfU foi no Futebol, no Voleibol e no Badmínton.

No que diz respeito ao MED, modelo criado por Siedentop (1994), defendia que a Educação Física deveria desenvolver alunos desportivamente mais competentes, mais cultos e mais entusiastas (Araújo, p.41).

Deste modo o MED desenvolve nos alunos um conhecimento das modalidades para além do jogo, ou seja, pressupõe que as aulas correspondam a uma época desportiva em que os alunos além de assumirem o papel de atletas, desempenham outras funções, como árbitro, treinador, preparador físico, etc.

Este modelo foi sem dúvida aceite com grande entusiasmo pelos alunos, despertando neles o espírito competitivo e uma motivação acrescida, com resultados muito satisfatórios relativamente ao empenho, ao compromisso e à qualidade das suas ações.

De realçar, ainda, a importância do questionamento e da reflexão, enquanto opção estratégica, aplicada de forma transversal, com a intenção de desenvolver a capacidade reflexiva dos alunos, possibilitando-lhes um discurso auto e heterocrítico bem sustentado, e a criação de uma visão acerca das suas capacidades, necessidades e limitações.

Concluindo, todas as opções tomadas, tiveram como grande objetivo a qualidade do processo ensino-aprendizagem, zelando sempre pelo melhor dos nossos alunos.

5. Questões dilemáticas

Ao longo deste tópico, iremos apresentar questões com as quais nos deparamos durante o período de Estágio Pedagógico, durante a nossa prática pedagógica, e que de alguma maneira contribuíram para a nossa aprendizagem e desenvolvimento profissional.

Assim, ao longo deste ano foram algumas as dúvidas que nos foram surgindo, questionando-nos acerca do que seria certo e errado para desempenharmos de forma mais correta o nosso papel, desenvolvendo o processo ensino-aprendizagem de forma mais eficaz.

Posto isto, podemos apontar como primeiro dilema, a incerteza na transmissão de feedback nas aulas de avaliação diagnóstica, foi também para nós uma questão com relevante no conjunto dos dilemas mais significativos, logo desde o início do ano letivo. Questionámo-nos se seria correto transmitir informação de retorno numa aula que tinha como objetivo observar os pré-requisitos dos alunos.

Após algumas reflexões durante as reuniões pós aula com o núcleo de Estágio, foi-nos possível perceber que o papel do professor é ensinar, independentemente do momento na aula ou na UD; que a aprendizagem do aluno deverá ser a grande preocupação do docente, pelo que não deverá ser descartado nenhum momento para a promover, nem nenhuma situação deverá colocar em causa o desenvolvimento e competência dos discentes.

Como terceiro segundo, referimo-nos à utilização da condição física, aplicada como repreensão ou medida de remediação para comportamentos desadequados. Esta é uma questão para a qual não encontramos ainda uma resposta clara e definitiva. Deve ou não o professor de Educação Física recorrer aos exercícios de condição física como forma de repreensão? Consideramos que a resposta a esta questão depende das características do perfil do aluno em causa. Ou seja, se o aluno demonstrar predisposição para a prática, irá entender o porquê de o fazer e irá fazê-lo com a consciência de que se trata de uma consequência ao seu comportamento, não desenvolvendo qualquer tipo de sentimento negativo pela prática desportiva e pela disciplina.

Por outro lado, caso o aluno sinta aversão à disciplina e à prática de atividade física, este tipo de castigo poderá servir de reforço ao sentimento negativo do aluno. Deste modo, qualquer que seja a resposta, o professor deverá atentar sempre às características dos seus alunos.

Como última questão, apresentamos a influência que o nosso conhecimento e a nossa maturidade tem no desempenho das funções enquanto docente, ao longo do Estágio Pedagógico.

É certo que todos nós somos diferentes e que temos formas de agir distintas, no entanto a nossa postura perante as situações é influenciada pelo nosso conhecimento e experiência. Todas as etapas com que nos vamos deparando ajudam a desenvolver a nossa personalidade.

Posto isto, ponderámos acerca de todos estes aspetos para perceber se têm alguma influência na nossa função ao longo do ano letivo e se, no decorrer do mesmo, perante a experiência e o conhecimento que fomos desenvolvendo, a nossa postura se foi alterando.

Após uma reflexão conjunta, percebemos que o que somos neste momento, não corresponde ao que éramos no início do nosso Estágio. As nossas dúvidas e inseguranças já não são as mesmas, tal como a nossa postura perante as situações. Isto revela um crescimento e que apenas quando somos deparados com as situações reais, conseguimos descobrir em nós capacidades que até então não sabíamos que tínhamos. Portanto, podemos afirmar que é com todas as experiências e aprendizagens com que nos vamos deparando, que vamos criando o nosso perfil e saber profissional e é esse o conteúdo que fará de nós melhores profissionais, e nos ajudará a superar as dificuldades sentidas.

Concluindo, o ano de Estágio foi, sem dúvida, um momento de grande aprendizagem, por isso devemos refletir e questionar-nos constantemente sobre as inúmeras inseguranças que vamos sentindo, pois só assim conseguimos aumentar o espectro do nosso conhecimento ao invés de estagnar.

Área 2 – Atividades de organização e gestão escolar

A presente área destina-se ao trabalho desenvolvido na assessoria a um cargo de gestão intermédia à nossa escolha, de modo a aplicar os conhecimentos teóricos desenvolvidos na unidade curricular de Organização e Administração Escolar.

Deste modo, o nosso trabalho foi desenvolvido junto do coordenador técnico do Desporto Escolar com o objetivo de compreender de forma mais próxima todo o trabalho inerente a este cargo.

Assim sendo, as atividades desenvolvidas ocorreram através do acompanhamento dos diferentes grupos/equipas do Desporto Escolar da EBMF, assim como nas diversas atividades do âmbito interno, onde participámos ativamente na sua organização, passando pela divulgação das atividades, através da realização de cartazes informativos, pela elaboração das fichas de inscrição, os certificados de participação e a presença e colaboração no dia da realização. Ainda nas atividades internas, podemos enfatizar o Corta Mato Escolar a nível local e distrital, os torneios de Badminton e de Futsal e na última, o Mega Sprint, o Mega Salto e ainda os momentos do *Fitescola*.

No que diz respeito às atividades externas, centrámos o nosso trabalho no grupo/equipa de Atletismo, com o acompanhamento dos treinos e competições. Além disso, acompanhámos todo o trabalho envolvente ao cargo, sempre que o nosso horário permitia.

De modo a encerrar o ano letivo, foi realizada uma palestra com dois convidados de renome do desporto de alto rendimento, das modalidades de Futsal e Atletismo, intitulada “À conversa com...”. Nesta palestra foi privilegiado a partilha de experiências dos atletas, partindo de perguntas realizados pelos alunos.

Ainda de destacar todo o trabalho colaborativo do grupo disciplinar, que sempre se mostrou disponível para auxiliar nas atividades desenvolvidas, permitido assim ganhar tempo para desenvolver todo o trabalho burocrático pertencente ao cargo.

Concluindo, optámos pelo acompanhamento do cargo do coordenador do Desporto Escolar, uma vez que consideramos que este projeto é uma mais-valia para os alunos, incentivando-os à prática desportiva. Com o acompanhamento do mesmo foi-nos

possível compreender todo o trabalho envolvente, dando-nos bases para o desenvolver caso necessário no futuro.

Área 3 – Projetos e Parcerias Educativas

Na presente dimensão, tal como nos orienta o Guia de Estágio, é esperado o desenvolvimento de competências de conceção, construção, desenvolvimento, planificação e avaliação de projetos educativos.

Assim sendo, era esperado a organização de duas atividades, sendo que selecionamos a organização do Mega Sprint e Mega Salto Escolar, que se realizou no 1º período escolar e as Olimpíadas Martim de Freitas, visto 2020 ser ano Olímpico. No entanto devido à pandemia que nos encontramos este evento foi resumido numa ação de formação acerca de Ética Desportiva.

Relativamente ao Mega Sprinter e Mega Salto, para que todo o planeamento fosse devidamente estruturado, foram distribuídas tarefas a cada elemento do núcleo de Estágio, sendo essas a divulgação da atividade, o contacto com todas as entidades a quem pedimos colaboração, e ainda a elaboração de documentos orientadores (croqui da prova, caderno de juízes, dorsais, etc). Terminado a fase do planeamento e chegado o dia da atividade, foram igualmente distribuídas tarefas para que nada faltasse.

No dia da prova, contámos com a colaboração de todos os professores do grupo disciplinar, assim como os restantes intervenientes da comunidade escolar, que sem eles a atividade muito dificilmente se concretizaria.

Contudo durante a concretização, existiram algumas falhas, que, após uma reflexão conjunta percebemos que ocorreram devido à falta de sintonia entre todo o grupo de intervenientes. No entanto toda a atividade foi realizada, podendo proporcionar aos alunos um momento de prática desportiva e de convívio.

Quanto às “Olimpíadas na Martim de Freitas”, é uma atividade que tem sido desenvolvida ao longo de alguns anos na EBMF. No entanto, não foi possível a realização deste evento devido à situação atual e à suspensão das atividades letivas.

Deste modo a atividade transitou para uma ação de formação acerca de Ética Desportiva, com três palestrantes, como estava delineado para ocorrer nessa mesma semana.

Concluído todo o processo organizacional e chegado o dia da realização, todos os nossos colegas, foram acolhidos e orientados para o endereço da atividade. Demos então início à mesma, e as apresentações foram surgindo assim como os momentos de reflexão conjunta.

Consideramos que a atividade decorreu tal como planeado, proporcionando um momento de troca de experiências entre os diferentes intervenientes, tornando-se num momento de aprendizagem partilhada.

Concluindo, as organizações destas atividades foram importantes para o nosso enriquecimento pessoal, desenvolvendo em nós competências de organização de atividades e de trabalho conjunto.

CAPÍTULO III – Aprofundamento do Tema Problema: “A intervenção pedagógica de diferentes atores no mesmo contexto de ensino-aprendizagem”

1. Introdução

Partindo da ideia de Krech, (1965, *cit.in.* Bañuelos, F, 1992, p. 197), que afirma que a capacidade de comunicação dos seres humanos pode influenciar o processo educativo, principalmente o ensino, percebemos a pertinência do nosso estudo e a importância do mesmo para o desempenho da nossa função enquanto docente.

Assim, o tema deste estudo surge aquando de um momento reflexão com o núcleo de Estágio, o professor cooperante e a orientadora da faculdade, percebemos que seria importante e interessante conhecer as existentes na intervenção pedagógica da aula de Educação Física, entre a turma com a qual realizamos o nosso Estágio Pedagógico e nós, que desempenhamos o papel de docentes.

No entanto, achamos ainda pertinente alargar o estudo a outras disciplinas, neste caso o Português e a Matemática, por serem disciplinas que acompanham o aluno em todo o seu percurso escolar obrigatório, tal como a Educação Física.

Com os resultados pretendemos então perceber o grau de concordância entre os alunos e o professor de cada disciplina e ainda detetar em qual das disciplinas os dois intervenientes na intervenção pedagógica se encontram com maior concordância e discordância, dado que segundo Onofre (2000, *cit.in.* Onofre e Dionísio, 2008, p.96), quanto maior for o nível de concordância entre professor e alunos mais eficaz será o processo de ensino aprendizagem.

Assim os resultados obtidos ajudar-nos-ão a refletir sobre o nosso desempenho docente, permitindo-nos uma melhoria da nossa formação com vista ao futuro.

2. Enquadramento Teórico

Segundo Botomé e Kubo (2001, p.1), podemos entender que o processo de ensino-aprendizagem é um complexo sistema de interações comportamentais entre professores e alunos.

Posto isto, é fundamental compreender o que se passa na sala de aula, logo é necessário conhecer as características individuais que estruturam e orientam o pensamento e a ação dos dois principais intervenientes no processo ensino-aprendizagem, professor e alunos (Parrilla, Gallego & Murrilo, 1996, *cit.in.* Onofre & Dionísio, 2008, p.96). Além disso, o processo complexo de ensinar e aprender, não depende só da responsabilidade do professor, mas também, das interações entre este e os alunos, uma vez que partilham do mesmo espaço constituído por características distintas, situações imprevisíveis e por uma multidimensionalidade de personalidades (Doyle, 1986, *cit.in.* Onofre & Dionísio, p.96).

As interações entre professores e alunos são essenciais para o desenvolvimento cognitivo. Para isso, o professor deverá estabelecer interações de proximidade com os seus alunos, esforçando-se por conhecer todo o seu “currículo” pois o mesmo poderá influenciar nas ações do aluno. Deverá ainda o docente privilegiar um ambiente harmonioso, evitando o desinteresse e a falta de motivação dos alunos para a aprendizagem (Mayer & Costa, 2017, p.36 e 37).

Seguindo ainda a mesma linha de pensamento, é importante que o professor assuma um papel de mediador, tentando criar uma relação de proximidade com o aluno baseada no diálogo e na comunicação, pois, e como afirma Bañuelos (1992, p.

197 e 198), é através da capacidade de trocas de informação entre os seres humanos, que o indivíduo estabelece semelhanças que o ajudam a formular esquemas de ação.

Para além do referido anteriormente, sabemos ainda que cabe ao professor dirigir a aula segundo algumas características que ajudarão a dar qualidade ao ensino. Podemos então apontar 4 dimensões fundamentais para a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, as dimensões Instrução, Gestão, Clima e Disciplina.

Assim, o professor deverá ocupar o mínimo de tempo possível em situações dedicadas à transmissão de informação, através de momentos de instrução rápidos, claros e concisos, centrada nos conteúdos essenciais, evitando fornecer informação desnecessária. Também como auxílio, deverá recorrer à demonstração, acompanhada de instrução e questionamento, de modo a certificar-se de que os alunos estão a assimilar os conteúdos. Relativamente ao questionamento, o docente deverá ainda ter em conta o nível dos alunos, adequando as questões às suas capacidades, reformulando-as sempre que necessário, deixando um espaço de tempo suficiente para a reflexão e processamento da resposta, deverá ainda fornecer alguma informação na construção da resposta, caso o aluno apresente dificuldades.

Por último e ainda dentro da primeira dimensão, Instrução, temos o feedback, que segundo Piéron (1999, p.122), pode ser entendido como uma informação transmitida pelo professor ao aluno, ajudando-o a repetir os comportamentos adequados, eliminando os incorretos e a atingir os comportamentos previstos. Para isso o professor deverá acompanhar a informação transmitida, de modo a perceber se teve o resultado pretendido, caso o produto não seja o esperado, o docente deverá ser capaz de reforçar o feedback levando o aluno a aprender.

Relativamente à Gestão da aula, o professor deverá privilegiar o tempo dedicado à prática, evitando grandes períodos de organização.

Para que isso aconteça o docente deverá estabelecer rotinas com a turma que o ajudem a realizar transições rápidas entre os vários momentos da aula e a evitar momentos de instrução prolongados. Só assim, conseguirá rentabilizar o tempo de empenhamento motor, que, por conseguinte, torna o processo de ensino-aprendizagem mais eficaz.

Já as últimas duas dimensões, que dizem respeito ao Clima e Disciplina na aula, apresentam-se intimamente ligadas. Siedentop (2008, p.63) afirma que é de a responsabilidade do docente criar um ambiente produtivo e propício à aprendizagem. Assim cabe ao professor prevenir e antecipar comportamento inapropriados. Para isso deverá desde início manter uma postura firme perante os alunos, zelando sempre por um bom clima, inculcando sentido de responsabilidade na turma, de modo a evitar situações de indisciplina.

Concluindo, é importante conseguir diagnosticar problemas relacionados com a intervenção pedagógica para o sucesso do ensino, para isso, a opinião dos alunos é essencial para conseguirmos diagnosticar os problemas e perceber a qualidade do processo (Onofre & Dionísio, 2008, p.97), para que após o diagnóstico dos mesmos, sejam definidas resoluções que nos ajudarão a desempenhar melhor o nosso papel enquanto docentes.

Conclusão

Ser professor é sem dúvida das mais bonitas profissões que existe, quando assumida com responsabilidade e com o respeito que merece. Poder acompanhar todos os dias alunos com as mais diversas personalidades e características é um grande desafio, mas também um enorme privilégio, visto que são eles que nos fazem crescer enquanto futuros professores e pessoas que somos.

Chegando ao fim de mais uma etapa da nossa vida, é possível afirmar que o ano de Estágio Pedagógico foi sem dúvida um ano de muitas aprendizagens que nos fez crescer tanto a nível pessoal como profissional.

Não foi uma tarefa fácil e muitas vezes foi preciso errar para aprender. No entanto, juntamente com todas as pessoas que nos acompanharam ao longo desta caminhada, os desafios foram superados, e as dúvidas foram-se transformando em certezas. Através das reuniões com o núcleo fomos percebendo a importância da reflexão para o bom desempenho docente, através da mesma conseguiremos ser melhores profissionais.

É ainda de salientar que ao longo do ano fomos trabalhando para superar as dificuldades, tentando privilegiar os nossos alunos com um ensino eficaz, no entanto, estamos cientes de que este trabalho nunca acaba e que deverá ser contínuo ao longo da nossa profissão, por isso sabemos que a nossa formação deverá prosseguir no futuro, para que possamos dar a maior qualidade à nossa prática pedagógica, favorecendo sempre a aprendizagem dos alunos.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, R. (2017). A aprendizagem dos alunos e as dinâmicas operantes no seio das equipas do Modelo de Educação Desportiva: Evidências de investigação e direções futuras. p.41
- BENTO, J. O. (1998). Planeamento e Avaliação em Educação Física. Lisboa: Livros Horizonte. p.13-37
- CARVALHO, L. (1994). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. Boletim Spéf nº 11. p.144
- CLEMENTE, F. & MENDES, R. (2011). Aprender o jogo jogando: uma justificação transdisciplinar. p.29
- NOBRE, P. (2015). Avaliação das Aprendizagens no Ensino Secundário: Conceções, Práticas e Usos. Dissertação de Mestrado em supervisão pedagógica. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. p.68-69
- PIÉRON, M. (1996). Formação de professores. Aquisição de técnicas de ensino e supervisão pedagógica. Faculdade de Motricidade Humana. Lisboa. p.37
- PIÉRON, M. (1999). Para una Enseñanza Eficaz de las Actividades Físico-Desportivas. Colección La Educación Física en....Reforma. 1ª ed. INDE Publicaciones. Barcelona, España. p.122
- PINTO, J. (2004). A avaliação em Educação: da linearidade dos usos à complexidade das práticas. Escola Superior de Educação de Setúbal. p.26-34
- RIBEIRO, L. (1999). Avaliação da Aprendizagem: tipos de avaliação. Lisboa: Texto Editora. p.75-89
- SIEDENTOP, D. (2008). Aprender a Enseñar la Educación Física. Colección Educación Física. 2.ª ed. INDE Publicaciones. Barcelona, España. (p.61-257)

VIEIRA, I. (2013). A autoavaliação como instrumento de regulação da aprendizagem.

Dissertação de Mestrado em supervisão pedagógica. Departamento de educação e ensino à distância. Lisboa: Universidade Aberta. p.34

Decretos de lei:

Decreto-lei nº 139/2012 de 5 de julho. Diário da República nº 129 – I Série. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa.

Outros documentos:

- Programa Nacional de Educação Física
- Projeto Educativo, 2016/2029 da Escola Básica 2, 3 Martim de Freitas
- Regulamento Interno da Escola Básica 2, 3 Martim de Freitas
- Documentos teóricos de Didática de Ensino, 1º Ano do Mestrado.
- Guia de Estágio Pedagógico 2019/2020

Apêndices

Apêndice I – Ficha Biográfica do aluno

FICHA BIOGRÁFICA DO ALUNO

I. DADOS DO ALUNO

Nome: _____

Nome pelo qual preferes ser tratado:

Nº _____ Ano/Turma _____ Data de nascimento: ____/____/____ Idade _____

Morada: _____

Cód. Postal: _____ - _____

Telefone: _____ Telemóvel: _____ Email: _____

II. DADOS ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO

Nome: _____ Parentesco: _____

Profissão: _____ Morada: _____

Cód. Postal: _____ - _____

Telefone: _____ Telemóvel: _____ Email: _____

III. AGREGADO FAMILIAR (Todas as pessoas que vivem contigo)

Parentesc o	Idade	Profissão / Situação Profissional	Habilitações Académicas

Dentro do teu agregado familiar, há alguém que pratique/praticou alguma modalidade desportiva?

Não Sim Qual?

IV. SAÚDE

Tens dificuldades (assinala com uma X):

Visuais	Auditivas	Motoras	Alergias	Doença crónica	Cuidados especiais de saúde

--	--	--	--	--	--

Quais/Outras?

Alguma vez foste operado? Não Sim Se sim, a quê? _____ Há quanto tempo? _____

Alguma vez tiveste alguma lesão (ex: fraturas, rotura de ligamentos, etc)? Não Sim Se sim, a quê? _____ Há quanto tempo? _____

V. DESLOCAÇÃO CASA/ESCOLA

Como te deslocas para a escola? Transporte público Automóvel/Moto A pé Bicicleta Outro

Quanto tempo demoras a chegar à escola? Até 10 min. Entre 11 a 20 min. Mais de 20 min.

VI. VIDA ESCOLAR

Já repetiste algum ano? Não Sim Em que ano(s)? _____

Onde costumas estudar? Em casa Na escola No ATL Noutro local

Qual? _____

Tomas o pequeno almoço antes de ir para a escola? Não Sim

Onde? _____

Quais as disciplinas em que sentes mais dificuldades? _____

Quais as disciplinas em que sentes menos dificuldades? _____

Gostas de ler? _____ - _____ Costumas frequentar a biblioteca? _____

O que esperas das aulas de Educação

Física? _____

O que o professor pode esperar de ti? (ex: desleixo, compromisso, atenção, desatenção) _____

O que te motiva mais na Educação

Física? _____

VII. O TEU FUTURO

Pretendes frequentar o Ensino Superior? Não Sim Se não, porquê? _____

Se sim, em que curso? _____

Que profissão gostarias de ter no futuro? _____

VIII. OCUPAÇÃO DOS TEMPOS LIVRES

Ler		Ajudar em casa		Ir ao café		Jogar computador	
Conversar		Ouvir música		Ir ao cinema/teatro		Navegar na net	
Passear		Aprender música		Ir à catequese/missa		Ir ao café	
Brincar		Aprender dança		Praticar desporto		Ver televisão	
Ajudar os pais na profissão							

Se indicaste “VER TELEVISÃO”, assinala por ordem os três programas que mais vês:

Filmes		Concursos		Desenhos animados		Documentários	
Telenovelas		Futebol / Outros desportos		Telejornal		Outros programas	

Quantas horas diárias passas em frente ao computador/televisão?

Quantas horas em média dormes diariamente?

IX. ATIVIDADE FÍSICA

Gostas de praticar atividade física? Não Sim Se não, porquê?

Praticas alguma atividade física? Não Sim Se sim, qual(quais)

Que desportos já praticaste?

E atualmente?

És federado(a) em alguma modalidade? Não Sim Se sim, em qual(quais)?

E durante quanto tempo praticas?

Obrigado,

Apêndice II – Plano Anual

Mês	Setembro					Outubro					Novembro					Dezembro							
Dia	Segunda	Quinta	Segunda	Quinta	Segunda	Quinta	Segunda	Quinta	Segunda	Quinta	Segunda	Quinta	Segunda	Quinta	Segunda	Quinta	Segunda	Quinta	Segunda	Quinta	Segunda		
Dia	16	19	23	26	30	3	7	10	21	24	28	31	4	7	11	14	18	21	25	28	9	12	16
Nº de Aula	1 e 2	3	4 e 5	6	7 e 8	9	13 e 14	15	16 e 17	18	19 e 20	21	22 e 23	24	25 e 26	27	28 e 29	30	31 e 32	33	34 e 35	36	37 e 38
Nº do Espaço	1	1	1	1	1	1	4	4	4	4	4	4	2	2	2	2	1	1	5	5	5	5	5
Matérias																							
Futsal																							
Voleibol																							
Andebol																							
Ginástica de Aparelhos																							
Ginástica de Solo																							
Resistência/Milha																							
Velocidade																							
Salto em Comprimento																							
Badminton																							
FitEscola																							

Mês	Janeiro					Fevereiro					Março												
Dia	Segunda	Quinta	Segunda	Quinta	Segunda	Quinta	Segunda	Quinta	Segunda	Quinta	Segunda	Quinta	Segunda	Quinta	Segunda	Quinta	Segunda	Quinta	Segunda	Quinta	Segunda	Quinta	
Dia	6	9	13	16	20	23	27	30	3	6	10	13	17	20	27	2	5	9	12	16	19	23	26
Nº de Aula	39 e 40	41	42 e 43	44	45 e 46	47	48 e 49	50	51 e 52	53	54 e 55	56	57 e 58	59	60	61 e 62	63	64 e 65	66	67 e 68	69	70 e 71	72
Nº do Espaço	5	3	3	3	3	3	3	1	1	1	1	1	1	4	4	4	4	4	4	2	2	2	2
Matérias																							
Futsal																							
Voleibol																							
Andebol																							
Ginástica de Aparelhos																							
Ginástica de Solo																							
Resistência/Milha																							
Velocidade																							
Salto em Comprimento																							
Badminton																							

Mês	Abril					Maio					Junho					
Dia	Quinta	Segunda														
Dia	16	20	23	27	30	4	7	11	14	18	21	25	28	1	4	8
Nº de Aula	73	74 e 75	76	77 e 78	79	80 e 81	82	83 e 84	85	86 e 87	88	89 e 90	91	92 e 93	94	95 e 96
Nº do Espaço	2	2	5	5	5	5	5	5	3	3	3	3	3	3	1	1
Matérias																
Futsal																
Voleibol																
Andebol																
Ginástica de Aparelhos																
Ginástica de Solo																
Resistência/Milha																
Velocidade																
Salto em Comprimento																
Badminton																

Apêndice III – Planeamento de Unidade Didática (exemplo)

PLANO DE UNIDADE DIDÁTICA : 7ºF												
Turma: 7ºF	1, 2 e 3º Período											
Unidade Didática	FUTSAL											
Espaço de Aula	PAVILHÃO ESPAÇO Nº5											
Mês	Novembro		Dezembro			Janeiro	Abril			Maio		
Data	25	28	9	12	16	6	23	27	30	4	7	11
Dia da Semana	S	Q	S	Q	S	S	Q	S	Q	S	Q	S
Aula Nº	31 e 32	33	34 e 35	36	37 e 38	39 e 40	76	77 e 78	79	80 e 81	82	83 e 84
Nº aula de UD	1 e 2	3	4 e 5	6	7 e 8	10 e 11	12	13 e 14	15	16 e 17	18	19 e 20
CONTEÚDOS:												
GESTOS TÉCNICOS												
Condução de Bola	A.I	I	E	E	E	E	E	E	C	C	C	A.F
Passe	A.I	I	E	E	E	E	E	E	C	C	C	A.F
Desmarcação	A.I	I	E	E	E	E	E	E	C	C	C	A.F
Remate	A.I		I	E	E	E	E	E	C	C	C	A.F
Penetração/Progressão	A.I		I	E	E	E	E	E	C	C	C	A.F
Contenção/Pressão ao portador da bola	A.I		I	E	E	E	E	E	C	C	C	A.F
Enquadramento Ofensivo/Defensivo	A.I							I	E	E	E	A.F
Apoio/Cobertura Defensiva	A.I								I	E	E	A.F
Apoio/Cobertura Ofensiva	A.I								I	E	E	A.F

Apêndice IV – Plano de aula (exemplo)

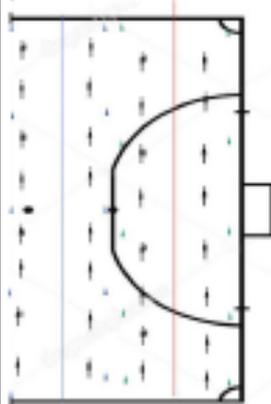
	 REPÚBLICA PORTUGUESA	 1 2 9 0 FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE MARTIM DE FREITAS ESCOLA BÁSICA 2/3 MARTIM DE FREITAS Ano letivo de 2019/2020		

Plano de Aula

Professor Estagiário: Gonçalo Ferreira		Professora Orientadora: Diana Melo	
Ano: 7 ^ª	Turma: F	Data: 13/02/2020	Hora: 11h30-12h20
Período: 2 ^ª	Local: Escola Básica 2,3 Martim de Freitas	Espaço n.º: Espaço N.º1	
N.º da aula: 58	U.D.: Voleibol	Duração da aula: 50'	
N.º de alunos previstos: 26		N.º de alunos dispensados: 1	
Função didática: Avaliação final.			
Recursos materiais: 12 bolas de voleibol, 28 bases e 8 cones.			
Objetivos da aula: Avaliação final da modalidade de Voleibol.			

Tempo		Objetivos específicos	Descrição da tarefa / Organização	Componentes Críticas	Critérios de Êxito	Estratégias / Estilos / Modelos de Ensino
T	P					
Parte Inicial da Aula						
11:30	5'	Entrada dos alunos no pavilhão.	Os alunos entram no pavilhão, após o toque de campainha da escola, e dirigem-se ao respetivo cadofo, de modo a guardar os seus valores. Breve informação inicial acerca dos conteúdos a serem abordados na aula. À medida que os alunos chegam ao espaço de aula realizam exercícios de coordenação na escada de coordenação de forma livre.	Os alunos entram no pavilhão dirigindo-se ao respetivo cadofo de modo a guardar os seus valores. Posteriormente os alunos dirigem-se para o balneário para se equiparem para a prática desportiva.	Os alunos entram no pavilhão escolar de forma organizada e realizam as tarefas pretendidas de forma ordenada sem perdas de tempo.	Comando
11:35	5'	Athação específica	Os alunos encontram-se divididos em quatro filas em igualdade numérica. Os grupos vão se manter até ao fim da aula. Os alunos realizam auto passe seguido de um passe para um colega da fila oposta seguido de um deslocamento acompanhado de mobilizações articulares em corrida contínua. No fim retornam para o fim da fila.	Os alunos distribuídos por quatro filas realizam, passas, seguidos de um deslocamento acompanhado de mobilizações articulares em corrida contínua. Os exercícios serão enumerados pelo professor. Os exercícios são a realização de um apolo, dois apolos, alternados, etc. As mobilizações articulares: rotação anterior,	Posturas corretas; Manter a ação sem dor e sem insistências. Aumento da temperatura corporal; Olhar dirigido para a frente.	Comando



				posterior e alternada dos M; Rotação do tronco; Descolamentos laterais; Skipping alto; Skipping nadequatro;		
Parte Fundamental da Aula						
11:40	30'	Avaliação da modalidade de Voleibol.	<p>Avaliação da modalidade de Voleibol em situação de jogo de oposição 2x2:</p> <p>Os alunos agrupados em pares realizam jogo 2x2 de oposição de modo a realizar a avaliação da modalidade de Badminton. De modo a garantir iguais oportunidades de sucesso a todos os alunos, existirão rotações periódicas.</p> 	<p>Nesta situação de jogo os alunos devem colocar a bola no colega em trajetória ascendente-descendente, realizar o passe ou manchete em função da trajetória da bola, realizar o serviço por baixo dirigido para o colega ou colocando a bola numa zona de difícil recepção, realizar o 2º toque para posterior ataque e atacar para um espaço vazio.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Colocação da bola no colega em trajetória ascendente-descendente, de modo a que este passe dar continuidade ao jogo; 2. Passe / manchete em função da trajetória da bola; 3. Serviço por baixo dirigido ao colega; 4. Realização do 2º toque para posterior ataque; 5. Ataque para um espaço vazio; 6. Serviço por baixo colocando a bola em zona de difícil recepção. 	Tarefa
Parte Final da Aula						
12:00	5'	Conclusão da aula e saída dos alunos em direção aos balneários e respetivos cascos.	Realizar uma reflexão acerca das tarefas realizadas no decorrer da aula.	Tempo dedicado a desequilpar e ir buscar valões ao casco.	Os alunos devem compreender e demonstrar que assimilaram conteúdos abordados na aula.	Comando

Fundamentação/Justificação das opções tomadas (tarefas e sua sequência):

Nesta aula a turma irá ser dividida em quatro grupos de seis a sete elementos.

Na ativação geral os alunos irão estar distribuídos por quatro filas em igualdade numérica. Os grupos vão se manter até ao fim da aula. Os alunos realizam auto passe seguido de passe para o colega da fila oposta, seguido de um deslocamento acompanhado de mobilizações articulares em corrida continua. No fim retornam para o fim da fila. O objetivo desta ativação geral é o aumento da temperatura corporal, predispondo assim os alunos para a prática, diminuindo o risco de lesões.

Relativamente à parte fundamental da aula, esta consiste na realização de um jogo de oposição 2x2, de modo a realizar a avaliação final da modalidade de Voleibol. De modo a garantir iguais oportunidades de sucesso a todos os alunos, existirão rotações periódicas.

Apêndice V – Tabela de Avaliação (exemplo)

7º	FUTSAL	Datas									Soma	op	
F		I - 3			E - 6			A - 8/9				Nota 1	Nota 2
N.º		NOME	1	2	3	4	5	6	7	8			
1											0		
2											0		
3											0		
5											0		
6											0		
7											0		
8											0		
9											0		
10											0		
11											0		
12											0		
13											0		
14											0		
15											0		
16											0		
17											0		
19											0		
20											0		
21											0		
22											0		
23											0		
24											0		
26											0		
27											0		
28											0		
29											0		
Nível INTRODUTÓRIO		Nível ELEMENTAR						Nível AVANÇADO					
I - 3 pontos		E - 6 pontos						A - 8/9 pontos					
Jogo de oposição: 3 x 2+GR (Aval. Inicial)		Jogo de oposição: 4X4 (GR+3 x 3+GR) 5X5 (GR+4 x 4+GR)						Jogo de oposição: 4X4 (GR+3 x 3+GR) 5X5 (GR+4 x 4+GR)					
1. Condução de bola 2. Passe e desmarcação 3. Receção controlada		4. Penetração/Progressão 5. Contenção / Pressão ao portador da bola 6. Enquadra-se ofensiva e defensivamente						7. Apoio / Cobertura defensiva 8. Apoio / Cobertura ofensiva 9. Passe, remate ou progressão em função da situação					
Observ.													

Apêndice VI – Tabela de Autoavaliação – Alunos

Ficha de Autoavaliação de Educação Física

Nome: _____ Nº _____ Turma: _____

Após uma reflexão, coloca uma (X) no quadrado que representa a tua situação (X)
 Escala: (S) - Sempre (QS) - Quase Sempre (AS) - Às vezes (R) - Raramente (N) – Nunca
 (PI) - Nível Pré-Introdutório (I) - Introdutório (E) – Elementar (A) - Avançado

Parâmetros de Avaliação		1º Período					2º Período					3º Período				
		S	QS	AS	R	N	S	QS	AS	R	N	S	QS	AS	R	N
Domínio Social (15%)	3% Cumpro as regras dentro da aula															
	3% Sou Assíduo(a)															
	3% Sou pontual															
	3% Respeito o trabalho dos outros															
	3% Sou responsável															
Acho que mereço (%)		_____ %					_____ %					_____ %				
Domínio de Trabalho (15%)	3% Cumpro as tarefas dadas pelo professor dentro da aula															
	3% Participo na aula com empenho															
	3% Trago o material necessário para a aula															
	3% Organizo os materiais para a aula (arrumação do material)															
	3% Sou autónomo(a)															
Acho que mereço (%)		_____ %					_____ %					_____ %				

Domínio Específico da Disciplina (70%)		Atividades Físicas (55%)		Níveis de Desempenho				1º Período				2º Período				3º Período			
				PI	I	E	A	PI	I	E	A	PI	I	E	A				
Jogos Desportivos Coletivos	Andebol																		
	Futsal																		
Voleibol	Ginástica de Solo																		
	Ginástica de Aparelhos																		
Atletismo	Resistência																		
	Salto em Comprimento																		
	Velocidade																		
Raquetes	Badminton																		
Aptidão Física (5%)		FitEscola																	
Conhecimentos (10%)		Ficha de Avaliação																	

Após uma reflexão cuidada acerca do que escreveste, qual a nota que achas que mereces no final do período

--	--	--

Anexos

Anexo I – Formação Olímpica – Participação



CERTIFICADO

Presidente do Comité Olímpico de Portugal

www.eduolimpica.comiteolimpicoportugal.pt

DESPORTO ESCOLAR 

15H00 . QUARTA-FEIRA . 17 JUNHO

REUNIÃO NO GOOGLE MEET 

À CONVERSA COM...

**ANDRÉ SOUSA**
JOGADOR DE FUTSAL DO BENFICA
CAMPEÃO EUROPEU PELA SELEÇÃO NACIONAL
EX-ALUNO DA MARTIM DE FREITAS

**CÁTIA AZEVEDO**
ATLETA DE ATLETISMO DO SPORTING
ATLETA OLÍMPICA - JOGOS OLÍMPICOS 2016
CAMPEÃ NACIONAL DE 400 METROS

DESTINADO AOS ALUNOS DOS GRUPO/EQUIPA DO DESPORTO ESCOLAR E AOS PARTICIPANTES NAS PROVAS DISTRITAIS DO DESPORTO ESCOLAR

DINAMIZAÇÃO:



ÉTICA DESPORTIVA

AÇÃO DE FORMAÇÃO

SEGUNDA-FEIRA .08 JUNHO 2020. 17H00-20H00

VIDEOCONFERÊNCIA | GOOGLE MEET 

AÇÃO DE CURTA DURAÇÃO - 3 horas . GRUPOS DE RECRUTAMENTO 260 & 620

Acreditação ao abrigo do Despacho nº 5741/2015, de 29 de maio .

FORMADORES



JOSÉ CARLOS LIMA

COORDENADOR DO PLANO NACIONAL DE ÉTICA NO DESPORTO

ARTUR ROMÃO

PROFESSOR DOUTOR NA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



JORGE BENTO

PROFESSOR CATEDRÁTICO JUBILADO DA FACULDADE DE DESPORTO DA UNIVERSIDADE DO PORTO



INSCRIÇÕES EM WWW.CFAE-MINERVA.EDU.PT

ORGANIZAÇÃO



ENTIDADE CERTIFICADORA



APOIO



IX OFICINA DE IDEIAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA A AVALIAÇÃO COMO MEIO DE ENSINO

COMO INCLUIR A AVALIAÇÃO NO PLANEAMENTO

CONÇALO FERREIRA, LEONARDO COELHO E TIAGO VIEGAS
NÚCLEO DE ESTÁCIO DA EB 2,3 MARTIM DE FREITAS

AVALIAÇÃO

O conceito de avaliação depende da interpretação realizada e do seu quadro de referência, podendo assumir diferentes significados (Mendez, 2001). A **avaliação formativa** possui um carácter sistemático e contínuo e a **avaliação sumativa** representa a formulação de um juízo global das aprendizagens (Decreto-Lei nº 55/2018).

A avaliação é um fator-chave para o planeamento. Para Ferreira (2005), a avaliação diagnóstica, atualmente **avaliação formativa inicial** é uma prática fundamental no **planeamento** do processo de ensino-aprendizagem focando dados reais ao professor do nível dos alunos. Este tipo de avaliação promove a adoção de estratégias de diferenciação pedagógica eficazes para o processo de desenvolvimento dos alunos (Conçalves et al., 2014).

Todos os momentos de avaliação com uma finalidade formativa, assumam uma função reguladora do processo de ensino-aprendizagem e estimulam o ajuste e reajuste do planeamento.

PLANEAMENTO

Segundo Bento (2003), o planeamento é uma reflexão minuciosa sobre a direção e controlo do processo de ensino-aprendizagem. A planificação assume-se como o elo de ligação entre as pretensões e o os programas nacionais da disciplina. Contudo, se o planeamento for rígido e não se adaptar à aula e às características dos alunos, torna-se contraproducente (Damásio, 1996). Para tomarmos o planeamento flexível temos de ter em consideração os dados obtidos nos momentos de avaliação para que seja possível adequar o ensino à realidade da turma.

FORMAÇÃO DE GRUPOS

PLANO DE AULA - NÍVEL MICRO

No planeamento a curto prazo plano de aula, nas práticas pedagógicas desenvolvidas, a **avaliação formativa** realizada de forma sistemática assume-se como um fator preponderante para a **inclusão da avaliação no planeamento**. É através da informação extraída que monitorizamos o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. A recolha de dados frequente permite adotar **estratégias de diferenciação pedagógica eficazes**, adequando o grupo de nível e as aprendizagens do aluno. A diferenciação pedagógica é fruto de uma **avaliação contínua e eficaz** (Alian & Tomlinson, 2002).

		#AVALIAÇÃO#									
		ATIVIDADES - TEMA O SAÍDO					Avaliação				
Data	1.1	Introdução		Elaboração			Avaliação			1.2	
				1.1.1	1.1.2	1.1.3	1.1.4	1.1.5	1.1.6	1.1.7	1.1.8

OBJETIVOS/EXTENSÃO DE CONTEÚDOS

UNIDADE DIDÁTICA - NÍVEL MESO

Após a realização da avaliação formativa inicial, é possível orientar o processo de ensino-aprendizagem, definir **objetivos**, operando uma **diferenciação dos conteúdos**, adequando também a **função didática** ao nível de desenvolvimento do aluno. A **extensão de conteúdos** definida a partir da avaliação formativa inicial não pode tomar como referência o desenvolvimento do aluno, pelo que estabelece sinergias constantes com a avaliação e desenvolvimento aula a aula. A extensão de conteúdos é fundamental para a periodização anual da matéria.

A Inclusão da avaliação no planeamento torna o sistema altamente dinâmico, germinando sinergias permanentes entre o plano macro (anual), meso (unidade didática) e micro (plano de aula). As opções tomadas em função dos resultados da avaliação inicial não devem ser definitivas, pelo que o professor pode e deve ajustá-las ao longo do processo de ensino-aprendizagem (Carvalho, 2017).

PERIODIZAÇÃO DAS MATÉRIAS

PLANO ANUAL - NÍVEL MACRO

O planeamento a nível macro articula as diversas matérias a abordar. O seu primeiro esboço guia-se pelo mapa de rotações definido pelo grupo disciplinar, obedecendo ao critério das matérias prioritárias por época. O trabalho por **multi-matérias** permite que as modalidades sejam todas abordadas prematuramente e assim se possa realizar a avaliação formativa inicial. Esta assume um carácter essencial neste processo.

Em função dos dados resultantes, é possível organizar de forma sintética e sucinta o currículo dos alunos ao longo do ano letivo (Ansjó, 2007). Os seus resultados, permitem nos fazer a articulação das matérias e periodizar as mesmas mediante o afastamento de cada uma face aos objetivos do Programa Nacional e aos objetivos definidos pelo grupo disciplinar.

Alian, S., & Tomlinson, C. D. (2002). *Lições Propostas de Diferenciação Pedagógica*. Porto: Edições A3.

Ansjó, P. (2007). *A Avaliação e a Gestão Curricular em Educação Física*. Um olhar crítico. *Bollettin Di Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 32, 11-6.

Bento, J. O. (2003). *Planeamento e avaliação em Educação Física* (Linha Horizontal de 1.º ao 12.º ano).

Carvalho, L. (2017). *Guia de Educação Física em Educação Física*. Bollettin Di Sociedade Portuguesa de Educação Física, 32(1-2), 23-32.

https://doi.org/10.14195/ed.2017.32.1.2.3

Damasio, M. H. (1996). *Pré, inter e pós-avaliação: a avaliação em pedagogia*. Coimbra: Alameda.

Decreto-Lei nº 55/2018 de 4 de Junho. Diário da República nº 129 de 11 de Junho. Ministério da Educação.

Ferreira, D. (2005). *Construção de Instrumentos de Avaliação de Processos Educativos* (pp. 1-55).

Conçalves, P., Fernandes, M., Gargalo, A., Oliveira, S., & Ribeiro, C. D. (2014). *A Avaliação Diagnóstica em Educação Física: Uma Abordagem Prática ao Nível Micro*.

Mendez, J. D. (2001). *Práticas pedagógicas, avaliação pedagógica*. Madrid: MOE/ME.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alian, S., & Tomlinson, C. D. (2002). *Lições Propostas de Diferenciação Pedagógica*. Porto: Edições A3.

Ansjó, P. (2007). *A Avaliação e a Gestão Curricular em Educação Física*. Um olhar crítico. *Bollettin Di Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 32, 11-6.

Bento, J. O. (2003). *Planeamento e avaliação em Educação Física* (Linha Horizontal de 1.º ao 12.º ano).

Carvalho, L. (2017). *Guia de Educação Física em Educação Física*. Bollettin Di Sociedade Portuguesa de Educação Física, 32(1-2), 23-32.

https://doi.org/10.14195/ed.2017.32.1.2.3

Damasio, M. H. (1996). *Pré, inter e pós-avaliação: a avaliação em pedagogia*. Coimbra: Alameda.

Decreto-Lei nº 55/2018 de 4 de Junho. Diário da República nº 129 de 11 de Junho. Ministério da Educação.

Ferreira, D. (2005). *Construção de Instrumentos de Avaliação de Processos Educativos* (pp. 1-55).

Conçalves, P., Fernandes, M., Gargalo, A., Oliveira, S., & Ribeiro, C. D. (2014). *A Avaliação Diagnóstica em Educação Física: Uma Abordagem Prática ao Nível Micro*.

Mendez, J. D. (2001). *Práticas pedagógicas, avaliação pedagógica*. Madrid: MOE/ME.